

‘Ensino brasileiro é retrógrado’

Maria do Rosário Caetano

“O triste cenário apresentado pela educação no Brasil só se alterará quando eliminarmos os cartorialistas e os tijolistas”.

Esta idéia - bombástica e demolidora - é proferida, com serenidade e bom-humor, pelo americano - nascido no Brooklyn nova-iorquino - Frederic Michael Litto. Ao longo da semana passada, ele comandou, no Palácio de Convenções do Anhembi, o *III Congresso Internacional de Educação*, realizado no âmbito da *Educar 96*.

Professor de Mídias Alternativas, na Escola de Comunicação e Arte da USP, e coordenador-científico da Escola do Futuro, Litto, de 57 anos, é defensor ardente da informatização das escolas e da Educação à Distância.

Nesta entrevista ao *Jornal de Brasília*, ele analisa a ação dos cartorialistas e tijolistas, discute o papel do computador na escola e defende idéia que deve “causar erisipela” (expressão do economista do BID, Cláudio de Moura Castro) no professorado: “o aluno tem que usar máquina de calcular na sala de aula”.

- **Primeiro, gostaria que o senhor falasse sobre a ação “nefasta” dos cartorialistas e tijolistas. Quem são eles?**

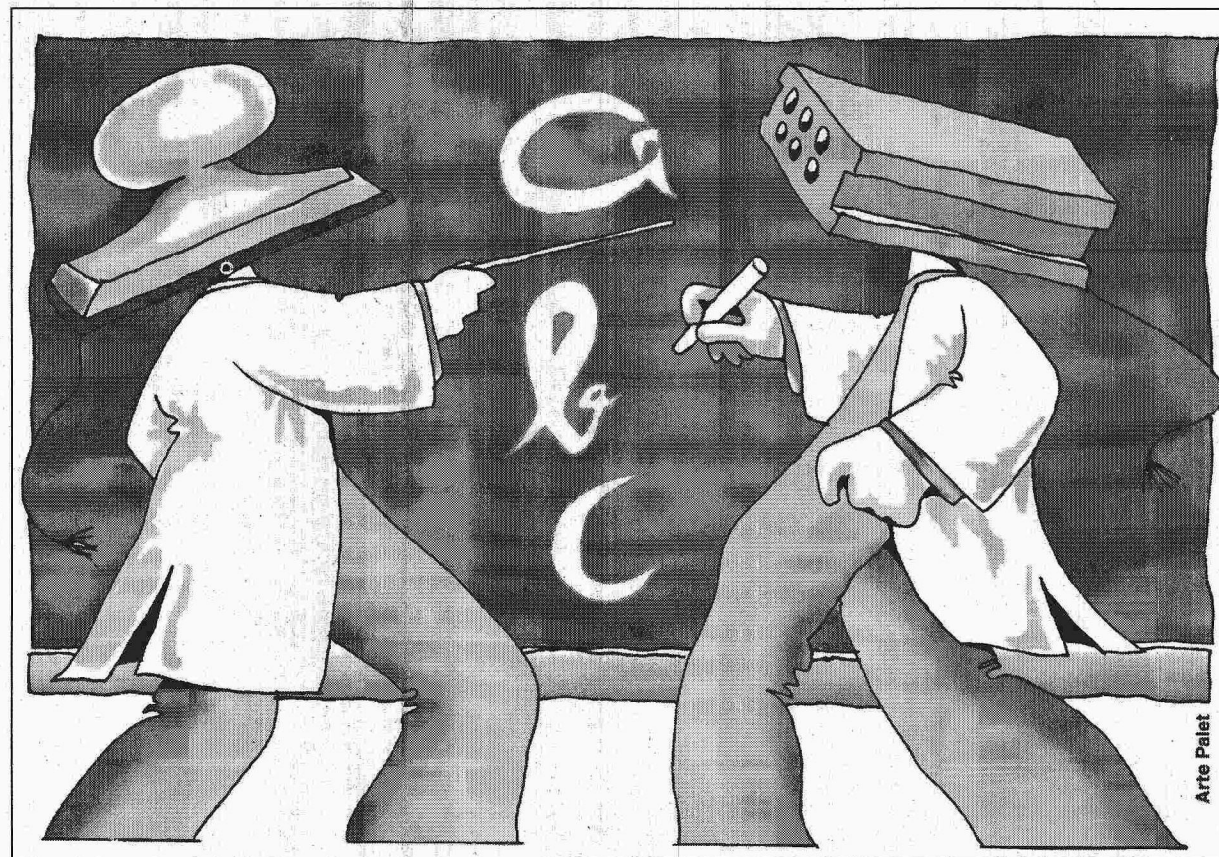
- São o que há de mais retrógrado no universo educacional brasileiro. Os cartorialistas são aqueles que defendem cartórios, focos de interesses particulares, e não deixam o País modernizar seu sistema educacional. Dou exemplo que clareia o que acabo de dizer. Minha amiga Bárbara Heliodora (crítica teatral de *O Globo*), costuma dizer que a educação norte-americana vai bem, porque lá não existe um MEC (Ministério da Educação). Países com educação cartorializada como França, Portugal e Brasil não avançam. Já os tijolistas são aqueles que defendem a criação de mais escolas. Aham que, quanto mais

gresso. Mesmo assim, estou convicto de que contribuímos para a disseminação da idéia de que a escola centrada no professor como único vetor do conhecimento está ultrapassada. O aluno não agüenta mais ficar quieto, ouvindo um professor falar. A passividade não educa. Os pesquisadores do processo da cognição mostram que a aprendizagem só se dá quando há participação. O aluno faz trabalhos para o professor, plagiando enciclopédias e outras fontes de “pesquisa”. Não aprende. Plagia e decora para conseguir

aprovação em provas e agrada pais e mestres.

- **A Escola do Futuro, que o senhor dirige, aposta em salas municiadas com computadores, vídeos e CD-Rom. O MEC promete equipar escolas públicas com 300 mil computadores. A situação vai melhorar?**

- Não conheço detalhes do projeto do MEC. A única coisa que ouvi, durante o Congresso, foi espantoso dado estatístico: serão adquiridos 300 mil computadores. Resta saber como estes computadores chegarão ao usuário, ou seja, à escola. Como se processará a formação das pessoas que os manipularão? Nos EUA, dois terços dos investimentos em informatização de escolas são destinados à compra dos computadores. A terça parte



restante vai para treinamento. Será que o MEC está reservando recursos para capacitação de mão-de-obra?

- **A modernização das escolas com instalação de computadores/vídeos/CD-Roms soluciona os graves problemas educacionais brasileiros?**

- Claro que não. Como eu disse, primeiro temos que acabar com a mentalidade dos cartorialistas e dos tijolistas. Ao mesmo tempo, temos que mudar as Faculdades de Educação. Elas formam os responsáveis pela irradiação de novas técnicas pedagógicas. Vivemos numa sociedade pós-industrial. Não podemos ficar apegados a valores do passado. Crianças e adolescentes precisam conviver com a informática.

- **Ou seja, é necessário preparar mão-de-obra para atender ao Terceiro Setor (o de Serviços).**

- Exatamente. Três décadas atrás, 30% dos americanos dedicavam-se à Agricultura (setor primário), 50% à Indústria (secundário) e 20% ao setor terciário (serviços). Hoje, a relação é outra: só 5% na agricultura, 45% na indústria, e 50% nos serviços. Quem é que vai manter um empregado(a) - que faz greve, recebe décimo-terceiro e engravida - trabalhando, se pode colocar no lugar dele um robô? O desemprego na Agricultura e na Indústria é uma realidade. Então, o conhecimento transforma-se em pré-requisito básico para o trabalhador de nosso tempo. Neste contexto, a educação assume papel de ponta. Há, na língua portuguesa, palavra

terrível: “formado”. O cidadão recebe um diploma e está “formado”. Não está. O mundo contemporâneo exige atualização constante, ininterrupta. As empresas, sabendo disto, já estão preparando seus próprios cursos de mestrado. Não querem saber se eles serão reconhecidos pelo “cartório” chamado MEC. A elas, interessam profissionais atualizados, executivos de ponta. A Johnson & Johnson e Bamerindus já apostam na formação de seus próprios mestres.

- **O economista Cláudio de Moura Castro, do BID, denunciou, neste Congresso, a resistência do professor brasileiro às inovações tecnológicas. O senhor concorda com ele?**

- Claro. Mas como ele bem observou, esta resistência não é privilégio dos brasileiros. Ela existe em muitos outros países. Para me restringir ao caso nacional, cito exemplo que vivencio sempre que professores americanos nos visitam. Ao saberem que nossas escolas proibem seus alunos de utilizar máquina de calcular nas aulas de matemática, eles ficam espantadíssimos. Mas como, me perguntam. Todos sabemos que a calculadora não impede o aprendizado. Ao contrário, estimula o aluno.

- **O senhor também acredita na força educativa dos jogos instalados em computadores?**

- Claro. Eles representam mecanismos de sedução para o aluno, estabelecem relação interativa e ajudam na auto-estima. O garoto que vence um destes jogos, fica motivado a escrever carta à namorada, estudar português ou geografia. O jogo funciona como isca estratégica, como estímulo.

- **A Educação à Distância foi um dos temas recorrentes deste Congresso. O que o senhor pensa desta opção educacional?**

- É fundamental, vital. Sou presidente da Associação Brasileira de Educação à Distância. A sociedade pós-industrial não pode ignorar esta forma viva e moderna de educação. É redundante dizer que fiquei espantado quando soube que o governo brasileiro, através da Capes, negou reconhecimento a cursos feitos por correspondência, ou seja, cursos de educação à distância. Só posso dizer que a Inglaterra, país do Primeiro Mundo, reconhece cursos de mestrado e doutorado feitos por correspondência, e que dispõe, hoje, de Universidade à Distância respeitada mundialmente.

ANOTE

■ A Embaixada da França e a Universidade de Brasília (UnB) promovem até sexta-feira a Semana do Livro de Língua Francesa, aberta ontem na sala Le Corbusier com uma conferência sobre A Literatura Francesa no Brasil. Na Biblioteca da UnB foi inaugurada a exposição Livros e Leituras da França, com doação de livros pela Embaixada. Hoje haverá conferência sobre Traduções às 9h00 no auditório da Reitoria e projeção do filme A Leitora, de Michel Deville, às 19h30, no auditório Dois Candangos.

■ Também ontem foi iniciado no Auditório do Ceub um curso sobre A Mulher Brasileira Pós a IV Conferência de Pequim. O seminário acontece todas as segundas-feiras até o dia primeiro de julho, das 15h00 às 18h00, com o objetivo de discutir o papel da mulher na sociedade atual. E é promovido pelo Instituto Ceub de Pesquisa e Desenvolvimento, em parceria com o Clube Internacional de Brasília, a Associação de Mulheres de Negócios e Profissionais de Brasília e o Conselho dos Direitos da Mulher do Distrito Federal. As inscrições ainda podem ser feitas pelo telefax 340-1934.

■ Projeto de Lei apresentado pelo distrital Peniel Pacheco propõe tornar facultativo aos alunos, pais ou responsáveis requerer a utilização do espaço físico das escolas públicas do Distrito Federal para a realização de atividades recreativas, culturais e suplementares ao ensino durante os períodos de recesso ou mesmo durante as interrupções das atividades escolares. A direção das escolas deverá autorizar a utilização do espaço, observando os aspectos de segurança e compatibilidade, e os próprios alunos maiores de 18 anos ficarão responsáveis pela coordenação. De acordo com o distrital, o projeto atende às determinações da Lei Orgânica do Distrito Federal, que estabelece a educação como direito de todos e dever do Estado e da família, nos termos da Constituição Federal.

“Tijolistas são aqueles que acham que quanto mais tijolos forem gastos na construção de escolas, melhor será o nível educacional”

“Vivemos numa sociedade pós-industrial. Crianças e adolescentes precisam conviver com a informática”